

TODA FOLHA ESCUTA E DANÇA – FRAGMENTOS DE *VEGETALIDADES* EM CONTRADOMESTICAÇÃO

BARBARA LITO

TODA FOLHA ESCUTA E DANÇA – FRAGMENTOS DE VEGETALIDADES EM CONTRADOMESTICAÇÃO

EVERY LEAF LISTENS AND DANCES – FRAGMENTS OF VEGETALITIES IN CONTRADOMESTICATION

BARBARA LITO¹

barbaradelito@yahoo.com.br

<https://orcid.org/0009-0004-1367-0203>

Resumo

Os seres vegetais comunicam e interagem atendendo a meios heterogêneos que fogem aos fundamentos clássicos da comunicação ocidental. No caso humano-vegetal, é evidente a possibilidade de contrarrespostas por parte das plantas, já que sua ação também modifica os humanos ao longo dos milênios. Por meio das *vegetalidades* provenientes da cognição vegetal (ou biossemiótica), as plantas se firmam como corpos, capazes de agência e afeto, em processos que envolvem também fortes componentes estéticos. O presente artigo traz perspectivas acerca das relações humanos/plantas no campo das epistemologias dissidentes e das artes.

Palavras-chave: *Vegetalidades. Performance. Corpo. Fitomorfismo.*

Abstract

Plant communicate and interact using heterogeneous means, which deviate from the classical foundations of Western communication. In the human-plant case, the possibility of counter-responses on part of plants is evident, since their affection and agency also change humans over the millennia. Through vegetalities originating from vegetal cognition (or biosemiotics), plants establish themselves as bodies capable of personality and affection, in a process with the presence of strong aesthetic components. The current article offers some perspectives on human/plant relations in the field of dissident epistemologies and arts.

Keywords: *Vegetability. Performance. Body. Phytomorphism.*

¹ Pesquisadora, artista visual e articuladora cultural. Integra o BrisaLAB e o Núcleo de Descolonização de Saberes — Nedesá/Urca. Vem desenvolvendo investigações experimentais e criações artísticas multidisciplinares, trazendo as plantas, as medicinas integrativas, as tecnologias sociais para seu trabalho.

Os seres vegetais comunicam e interagem atendendo a meios heterogêneos, muito distintos dos fundamentos clássicos da comunicação ocidental. Todo lugar de enunciação é uma geopolítica de conhecimento e, por meio das *vegetalidades* – repertórios provenientes da cognição vegetal (ou da biossemiótica) –, as plantas se firmam como corpos capazes de agência e afeto, em processos comunicativos indissociáveis de fortes componentes estéticos.

De fato, a multiplicidade da vida nos indica a existência de inúmeras outras formas de apreensão dessa razoabilidade lógica da natureza, envolvendo processos perceptivos, comportamentos e pensamentos, sendo, portanto, a participação humana nesses fluxos semióticos limitada a uma determinada esfera (Pimenta, 2016, p.133).

O corpo urbano-ocidental vem, nos últimos séculos, performando coreografias padronizadas incessantemente, como vemos cotidianamente nos espaços públicos. Por um lado, temos uma conformação corpórea que obedece a modelos de padrões de vida descolados espaçotemporalmente do que chamamos natureza e que realizam, em massa, as mesmas gestualidades metropolizadas (as sinalizações urbanas, de alguma maneira, servem a isso). Apartado de sua sazonalidade e das percepções das relações que o atravessam, a ilusão do sujeito-agente impõe às massas uma monofonia física e gestual precisa, de cadência acelerada.

Muitos são os trabalhos em artes visuais que dialogam com essas premissas, mas trago alguns exemplos como o de Hong Xi Li, em *At work*, que utiliza o *design* para criar um mobiliário que reflete a fisicalidade da postura do corpo enquanto está sentado em um escritório o dia todo, evidenciando essas coreografias cotidianas, capitalistas, ocidentais: a rigidez, a postura curvada de ombros encolhidos em submissão, a hierarquização postural, a tensão. Carlos Leppe, em *Las Cantatrices* (1980),² traz para a cena um corpo oprimido e comprimido, que aparece em três dos quatro monitores da instalação. Com o torso inteiramente engessado, canta numa interpretação de ópera, enquanto sua boca sofre

² Disponível em: <https://carlosleppe.cl/1980-las-cantatrices/>.

a intervenção de um aparato ortopédico dental que a mantém sempre aberta. O quarto monitor, enfrentando os anteriores, contém o relato da mãe de Leppe descrevendo momentos significativos de sua biografia. Dasha Ilina criou o Center for Technological Pain (CTP),³ uma empresa fictícia que oferece soluções DIY (de código aberto) absurdas para resolver problemas de saúde causados por tecnologias digitais, como *smartphones* e *laptops*, mas que na verdade acabam sendo paliativos irônicos.

Internamente, o corpo é submetido ao processo de internacionalização e homogeneização dos gostos e dos paladares, que atua pela padronização do consumo nutricional de grande parte da população mundial. Esta vem reduzindo a alimentação humana a praticamente cinco espécies vegetais: trigo, soja, milho, feijão, cana (Barreto, 2016⁴ e Bispo dos Santos, 2023). Isso impõe um impacto ambiental sem precedentes, mas também um efeito corpográfico padronizador, ainda que de outra natureza, pois a nutrição é um imprescindível agente de corporalidades. Cria-se, portanto, uma monocultura corpórea a partir de dentro, que formata a existência em determinados padrões de atravessamento, por meio da devastação da complexidade do existir. Em outras palavras, há uma extinção das interações milenares entre humanos e a diversidade de vegetais (Shiva, 2003), uma das principais tecnologias de forja humana. Além disso, hoje é possível consumir alguns vegetais fora de suas estações e localidades habituais (e desobedecer aos ritmos circadianos vegetal e humano), sem esquecer as alterações em laboratório de seus componentes internos (como no caso dos transgênicos), operações das quais não temos informações precisas sobre o impacto em nossos repertórios corporais.

Essas conformações contemporâneas contrastam com a multiplicidade enunciativa na performatividade vegetal. A possibilidade humana de locomoção espacial expandida, numa temporalidade que se

³ Disponível em: <http://centerfortechpain.com/about.html>.

⁴ Disponível em: <https://jorggemennabarreto.com/trabalhos/restauro>.

comprime cada vez mais, nos coloca num estado situacional que nos impede de perceber integralmente os movimentos e enunciações das plantas. Seu protagonismo é praticamente invisível para o senso comum. Podemos, no entanto, ter acesso a eles pelas mediações tecnológicas, como as obras videográficas que aceleram suas manifestações de movimento, mas perdemos grande parte da sutileza e da intensidade performativa: seu poder de transformar seu ambiente e de se transformar com ele, seus tropismos, suas nuances de capacidades de sintetização, etc. Uma vez que seriam estes parte indissociável de suas *vegetalidades*, as plantas, assim, acabam delegadas a um papel de cenário e suporte passivo para a vida humana, sobretudo em seus padrões urbano-ocidentais, ainda que, de fato, seu papel ultrapasse a mera objetificação e seja imprescindível e dela indissociável.

As fronteiras que separam o eu-humano do eu-planta não se sustentam no *continuum* que é a vida. A própria atmosfera se impõe como evidência: sem início ou fim, mas como transição, é aquilo que já não é mais (produto) humano ou vegetal, mas que está impregnado entre um e outro, um espaço em continuidade *entre* realidades viventes (Coccia, 2018).

Dialogue (2007/2013),⁵ de Terike Haapoja, é um trabalho que se ancora nessa interdependência. A instalação consiste em uma plataforma em que árvores vivas são colocadas ao lado de um banco para os visitantes. Os humanos são instruídos a assobiar (ou respirar) num sensor de CO_2 que também integra o espaço. É o CO_2 humano que aciona um sistema de luz e pequenas câmaras de medição fixadas nos galhos das árvores. Com a diminuição do nível de CO_2 da sala, que acontece em parte pela ação das árvores ao fazer a fotossíntese, um assobio torna-se audível também como resposta.

A realidade humana encontra-se impregnada de seu exterior: o corpo humano, em algum nível, é por si só o resultado de um conjunto

⁵ Disponível em: <https://www.terikehaapoja.net/dialogue-2/>.

desses rastros de *vegetalidades* encarnadas e difundidas durante toda a nossa história no planeta.

As *vegetalidades* são epistemologias transmitidas e apreendidas por absorção, entranhamento, intensidades e tropismos que só podem ser entendidas integralmente quando incorporadas. A nutrição é, em sua apreensão dialógica mais ampla, um dos dispositivos e estratégias centrais de *contradomesticação* vegetal (Mancuso, 2019). Ela promove influência/aderência dos repertórios vegetais ao que é humano, a partir do processo escultórico-digestivo e, assim, determina engrenagens e formatações corporais por meio do que a humanidade consome: ossos, músculos, cartilagens, sangue, sêmen, e demais componentes das fisiologias humanas são heranças ou rastros de infinitos atravessamentos das plantas.

Mais do que um esquema nutricional, porém, o corpo humano não se nutriria apenas das propriedades químicas e físicas de um vegetal, mas da sua integralidade funcional, dialógica e sensível, incluindo aí também a história dessa planta, seu modo de se adaptar, suas características estéticas e estruturais, seus movimentos, suas cores e odores, suas alianças e relações, narrativas, memórias, bem como as intempéries do ambiente em que eclodiu e cresceu, as estações em que floresceu, seus processos adaptativos, etc.

Nesse sentido, entram em cena contextos epistemológicos humanos cujos paradigmas do existir provêm de relações interespecies mais horizontalizadas.⁶ No Ocidente, atualmente, observamos a emergência de uma etnografia *multiespécie*, fruto de um espaço de pensamento não hierarquizado, fundamentado em epistemologias e modos dissidentes de conceber o vivente. Sobrevivem também noções de corpo que resistem às conformações logocêntricas e epistemicidas, ao se

⁶ No Ocidente, muitos deles estimulam a considerar a extensão dos conceitos de inteligência, pensamento, comunicação e cognição às plantas, como, por exemplo: *Plant thinking: a philosophy of vegetal life*, do filósofo Michael Marder (2013), *Plants as persons: a philosophical botany*, do filósofo Matthew Hall (2011), *Thinking like a plant: a living science for life*, do cientista e educador Craig Holdrege (2013), *What a plant knows: a field guide to the senses*, do cientista Daniel Chamovitz (2012), e *How forests think: toward an anthropology beyond the human*, do antropólogo Eduardo Kohn (2013).

associar às expressões não humanas na construção do próprio conhecimento, atribuindo-lhes perspectiva própria e independente. São pensamentos que geralmente não dissociam vida, medicina, arte, trabalho, sonho, etc. Também não separam e compartimentalizam os corpos, e nem os diferenciam do cosmo. Para estes, a possibilidade da comunicação interespecífica é factual e se desenrola para além da centralidade na linguagem humana e sua ênfase no simbólico como lugar-comum de negociações entre as variadas espécies.

As heranças afrodiaspóricas e ameríndias no Brasil, por exemplo, mantêm a prática de ativar as plantas com melodias próprias, transmitidas em suas tradições, que narram as histórias e as potências de cada uma delas que, por sua vez, ativam suas propriedades e “dialogam” com a humanidade. Essas canções são como traduções interespecíficas que, ao contrário das práticas da violência colonial (as diversas imposições de monoculturas, por exemplo), consideram cada planta um complexo cultural que se manifesta a partir de suas personalidade, preferências, afinidades, temperatura interna, seus tropismos, etc. Trazem então para a cena contextos em que a performatividade vegetal atua entre: as plantas são entes vivos, com *self*, e ocupam lugar decisivo na elaboração do todo, e não coisas inertes a ser exploradas.

No livro *O que as folhas cantam (para quem canta folha)* de Mãe Stella de Oxóssi (Santos, 2018), podemos observar o complexo filosófico e tecnológico do ritual *Sàsàn Yin*, que promove o “acordar” das folhas mediante cantigas. Tais melodias e palavras, quando combinadas com a voz daqueles que as emanam, acabam por transmitir para os que escutam algumas das características mais proeminentes de cada uma delas e, ao mesmo tempo, despertam as folhas para dançar seus poderes.⁷ Nesse sistema de classificação, após proferidas as cantigas, as folhas atingem seu potencial máximo repertorial. As *vegetalidades* são conceitualizadas em

⁷ “Muitos seres do reino vegetal incorporam em seus nomes iorubá a palavra *ta*, que significa iluminar” (Santos, 2018, p. 236).

elementos⁸ e polaridades, definidas a partir de algumas características de comportamento e interação. Para reconhecer a polaridade positiva (*EWÉ APA OTUN* ou sugadora) ou negativa (*EWEKÓ APA OSÍ* ou doadora) seria necessário, por exemplo, atentar para as características de seu crescimento (a relação com o entorno, por exemplo), a sua estética (se o caule é retorcido ou reto, se tem nódulos, a cor e o brilho de suas folhas e flores, etc.), hábitos diurnos e/ou noturnos, etc. Também se consideram as condições de excitação (*gun*) ou calma (*erò*) geradas pelas folhas em seu próprio desenvolvimento e na interação com humanos, que, quando em relação com elas, acabam por incorporar suas características.

A noção do autocultivo taoísta também traz uma corporeidade na qual é quase impossível separar as ideias de corpo, estado e cosmo da natureza circundante. Essa anatomia é composta de espécies de cartografias de intensidades imanentes ou de estados variáveis de vibração interdependentes. A correspondência entre o microcosmo (corpo) e o macrocosmo (universo) é baseada em aplicações integradas, o que na literatura de sinologia é traduzido como pensamento correlativo. Segundo Chuang Tzu, o conjunto das três palavras *Tiān* 天 (céu), *Dì* 地 (terra) e *rén* 人 (homem), denota uma premissa filosófica básica, considerada até a contemporaneidade: o céu é *yang*, a terra *yin*, e a humanidade é a manifestação e combinação de ambos. Juntos e inseparáveis, os três formam o todo interrelacionado, interdependente, inseparável, e simultaneamente se opõem, se complementam, se consomem, se criam e se regulam (ou destroem) mutuamente.

Dos desdobramentos de *yin-yang-qi* surge o conceito taoísta de 五行 *wǔxíng* (cinco elementos/movimentos), a forma básica de entender a formação de todas as coisas no mundo e suas inter-relações. O significado dos cinco elementos inclui cinco dinâmicas básicas pelas quais *yin* e *yang* transitam na realidade em infinitas combinações e mutações: metal (convergência ou movimento centrípeto), madeira (crescimento ou

⁸ Como, por exemplo, *EWE INON*, *EWE OMIN*, *EWE ILE* ou *IGBO* (fogo, água, terra, respectivamente).

movimento centrífugo), água (infiltração ou movimento descendente), fogo (transmutação ou movimento ascendente) e terra (estabilidade ou movimento circular no próprio eixo). A madeira, por exemplo, aparece como parte constitutiva do circuito dos movimentos e dinâmicas internas humanos relacionadas à expansão, à primavera, ao nascimento e à infância, ao alvorecer, ao fígado e vesícula biliar, aos olhos e tendões e aos movimentos de abertura e liberação do corpo, ao planeta Júpiter, etc.⁹

Essa corporalidade imanente, inacabada e atravessada está presente no trabalho da artista visual Guo Fengyi, em *Cosmic Meridians*. Ela produziu centenas de extensas pinturas e desenhos em pergaminho, trazendo para as suas obras uma corporeidade em que transitam elementos da filosofia e da cosmologia taoístas antigas (como os nove palácios e os oito trigramas) e diagramas dos sopros das medicinas tradicionais. Neles, também incorpora elementos da natureza, como *Diagrama Analítico do Sol Visto a Distância no Estado de Qigong* e *Diagrama Bagua da Lua Visto a Distância*, em que corpo e cosmo não se dissociam.

O filósofo Michael Marder (2015), em *The place of plants: spatiality, movement, growth*, estuda modelos de performatividades vegetais por meio dos movimentos das plantas. Para ele, a arte nos concederia um ponto de acesso único para experimentar o que está implicado em tais movimentos e nos lugares onde eles se desenrolam. No texto *Aesthetics of inhuman touch: notes for 'vegetalised' performance*, Mirko Nikolić (2018) analisa diversos trabalhos de artistas que incluem as plantas, trazendo questionamentos sobre a ética dessa inclusão e em que medida elas, ainda que protagonistas de algumas das obras, não estariam em posição objetificada. Questiona, assim, o lugar dos não humanos em manifestações de arte performática, analisando a precariedade que

⁹ Sobre o tema, leituras chave: LAOZI. *Dao de Jing* (2002); LIU, *Exploring Chinese Medicine* (2023) e *Classical Chinese Medicine* (2019); DE LA VALLÉE, *Os 101 conceitos-chave da medicina chinesa* (2019); DESPEUX, *Neijing tu e Xiuzhen tu, na Enciclopédia do Taoísmo* (2008) e JULLIEN, *Processo ou criação: uma introdução ao pensamento dos letrados chineses* (2019), *As transformações silenciosas* (2018) e *A propensão das coisas: por uma história da eficácia na China* (2017).

costumeiramente lhes é relegada, os níveis de exploração e/ou abuso presentes e as situações que envolvem sua performatividade, tornando-as, muitas vezes, apenas transdutoras dos afetos e aspirações humanas. Radicalizando, ele elabora algumas perguntas: se uma planta for coautora da *performance*, receberá o crédito? Como definimos o corpo vegetal na *performance*? A planta possui corpo? Quem são os sujeitos-objetos implícitos nas *performances*?

Segundo Natacha Myers (2015a), seria possível pensar no caminho do fitomorfismo, trazendo-o para o centro do pensamento. A performatividade vegetal nesse contexto seria a medida-padrão em relação às capacidades humanas, e não o contrário, já que as plantas exibem capacidades impensadas para nossos corpos. A antropóloga escreveu sobre os emaranhados afetivos e cinestésicos presentes em sua investigação, relativos às percepções dos próprios investigadores em seus trabalhos com o reino vegetal: uma espécie de “plantificação” começou a acometer os cientistas dentro dos laboratórios científicos. Para ela, o fitomorfismo

permite-lhes “vetorizar” o seu pensamento, puxando-os e impulsionando-os para novos modos de investigação e novas linhas de fuga (ver Stengers 2008). É no espaço destes emaranhados miméticos entre os cientistas e as suas plantas que se torna cada vez mais claro quem está a animar o quê e o que está a animar quem (ver também Stacey & Suchman 2012). Esses emaranhados têm um efeito mórfico, gerando metamorfoses em maior escala que mudam a maneira como os profissionais pensam e sentem sobre seus objetos, tanto quanto mudam a maneira como pensam e sentem sobre si mesmos (Myers, 2015a, p. 60).¹⁰

Porém, ainda que seja uma estratégia importante de engatilhamento e sensibilização do olhar, seria preciso ter cuidado com a armadilha de um antropomorfismo simplista, que projeta nas plantas

¹⁰ Nessa e nas demais citações em idiomas estrangeiros, a tradução é nossa. No original: *'vectorize' their thinking, pulling and propelling them into new modes of inquiry, and new lines of flight (see Stengers 2008 on lures). It is in the space of these mimetic entanglements among scientists and their plants that it becomes increasingly unclear who is animating what, and what is animating whom (see also Stacey & Suchman 2012). These entanglements have a morphic effect, engendering larger-scale meta-morphoses that change the ways that practitioners think and feel about their objects as much as it changes how they think and feel about themselves.*

características que elas não possuem, arrastando-as novamente para o universo humano, por meio de critérios ou considerações que escapam de suas *vegetalidades* próprias. Da mesma maneira que um fitomorfismo simplista também seria desvantajoso, posto que trazer conceitos vegetais sem o entendimento do universo repertorial em que se manifestam seria um exercício infértil demais frente às potências trazidas pelas *vegetalidades*. “Enraizar”, “frutificar”, “florir”, “germinar”, cada uma dessas expressões/estratégias possui um complexo sistema processual, que depende de múltiplos fatores, como a qualidade planta em questão, suas relações com a estação, a localização do leste (de onde vem a primeira luz do dia), a qualidade do solo, os outros seres do entorno, a altitude, etc.

Aprendemos nos últimos anos de pandemia sobre o poder de eficácia das interações a que estamos imersos. Existir neste mundo nunca é apartado: viver é interdependência e correlação. Seja ela densa (visível) ou hiperdissolvida (invisível), é a estimulação/regulação entre os seres que coloca a existência em movimento, atualizando-a. Todo *real* decorre de relações ininterruptas que procedem por incitação, interdependência e regulação recíprocas (Jullien, 2018, p. 59).

Crescer e decrescer são movimentos discretos, lentos e contínuos, que não podem ser dissociados do entorno. Entre a firmeza do solo e a secura do vento, a fluidez do que é líquido e a umidade pulverizada, o corpo humano poroso interage incessantemente com o mundo. Se o avesso do corpo é dentro, é também desse lado que ele amplia, aprofunda e decodifica o contato íntimo com o que lhe seria externo e que também não deixa de ser, em última análise, uma extensão de si. A humanidade é natureza e se transforma como e com ela.

Parece óbvio, então, considerar que existir no planeta seria, inevitavelmente, o resultado de infinitas e silenciosas transições interespécies, mais do que de eventos circunscritos em início, meio e fim, protagonizados por corpos/sujeitos prontos e acabados.

Os processos de emaranhamentos jogam o olhar para uma noção *entre formas* (Jullien, 2018), ou seja, para as transições processuais, que se desdobram ininterruptamente e nos escapam. Esse sistema *entre-muitos*,

essa existência intermediária e polifônica, sempre inacabada, sempre em passagem, pertence ao átimo, ao instante em que algo prossegue e, ao mesmo tempo, se inova. Lenta e imperceptivelmente, aquilo que ainda é e, ao mesmo tempo, já não é o mesmo, que está em continuidade de transformação, deixa apenas seus rastros como evidências.

No campo das artes, sobretudo das *performances*, a “vegetalização” (Myers, 2014) pode e deve ser vetor de práticas corpográficas dissidentes, que ajudem a desestabilizar coreografias e corpografias homogeneizantes, uma vez que materializar *vegetalidades* (epistemológicas-corporais) traz para a cena questões urgentes, atravessadas pela interconexão entre-muitos, que borram as fronteiras impostas entre reinos e espécies.

Acompanhando cada vez mais essa perspectiva, o foco do pensamento transita, assim, do sujeito individual para as bordas, ou seja, para os infinitos aspectos relacionais que estão em jogo na vida terrena. Nesse sentido, mais que coadjuvantes, ou mesmo sujeitos produtores de saberes (sejam eles plantas, moléculas, fungos, animais ou gente), seria possível pensar nas relações como sendo elas mesmas as protagonistas de epistemes e trabalhos artísticos? Como nós, o eu e o *outro*, esse que me é externo e que é sempre também um corpo atravessado e inacabado, compomos pensamento ou performamos como conjunto?

Referências

BISPO DOS SANTOS, Antônio. *A terra dá, a terra quer*. São Paulo: Ubu Editora, 2023.

CHAMOVITZ, Daniel. *What a plant knows: a field guide to the senses.*, New York: Scientific American/Farrar, Straus and Giroux.

DE LA VALLÉE, Elisabet Rochat. *Os 101 conceitos-chave da medicina chinesa*. São Paulo: Editora Inserir, 2019.

DESPEUX, Catherine. *Neijing tu e Xiuzhen tu, na Enciclopédia do Taoísmo*. Routledge: Editora Fabrizio Pregadio, 2008.

- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: história da violência nas prisões*. Petrópolis: Editora Vozes, 1987.
- GIL, José Nuno. Abrir o corpo. In: *Corpo, arte e clínica*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2004.
- HALL, Matthew. *Plants as persons: a philosophical botany*. New York: State University of New York Press, 2011.
- HARAWAY, Donna. *Ficar com o problema: fazer parentes no Chthuluceno*. São Paulo: Editora N-1 Edições, 2023.
- HOLDREGE, Craig. *Thinking like a plant: a living science for life*. New York: Lindisfarne Books, 2013
- JULLIEN, François. *Processo ou criação: uma introdução ao pensamento dos letrados chineses*. São Paulo: Editora Unesp, 2019.
- JULLIEN, François. *As transformações silenciosas*. Paraná: Editora Eduel, 2018.
- JULLIEN, François. *A propensão das coisas: por uma história da eficácia na China*. São Paulo: Editora Unesp, 2017.
- KOHN, Eduardo. *Sobre como as florestas pensam. How forests think*. Berkeley: University of California Press, 2013.
- LAOZI. *Dao de Jing*. São Paulo: Hedra, 2002.
- LIU, L./ 刘力红. 《思考中医》. 桂林, 广西师范大学出版社/Exploring Chinese Medicine. Guilin: Guangxi Normal University Press, 2023.
- LIU, L. *Classical Chinese Medicine*. Trad. G. Weiss and H. Buchtel with S. Wilms. Ed. H. Fruehauf. Hong Kong: The Chinese University of Hong Kong Press, 2019.
- MANCUSO, Stefano. *A revolução das plantas*. São Paulo: Ubu, 2019.
- MARDER, Michael. *The place of plants: spatiality, movement, growth*. 2015. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/304243052_The_Place_of_Plants_Spatiality_Movement_Growth. Acesso em 16 out. 2023.
- MARDER, Michael. *Plant-thinking: a philosophy of vegetal life*. New York: Columbia University, 2013.
- MYERS, Natasha. *Conversations on plant sensing. Notes from the field*. 2015a. Disponível em: <https://www.natcult.net/wp->

content/uploads/2018/12/PDF-natureculture-03-03-conversations-on-plant-sensing.pdf. Acesso em 13 out. 2023.

MYERS, Natasha. *Rendering life molecular: models, modelers, and excitable matter*. Durham: Duke University Press, 2015b.

MYERS, Natasha. *Sensing botanical sensoria: a kriya for cultivating your inner plant*. 2014. Disponível em: <https://www.thisisliveart.co.uk/wp-content/uploads/2020/02/StudyGuide-a-Gorge-Project-by-IWY-ONLINE-version-FINAL-v4.pdf>. Acesso em 9 out. 2023.

NIKOLIC, Mirco. *Aesthetics of inhuman touch: notes for 'vegetalised' performance*. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.22501/ruu.372629>. Acesso em 10 out. 2023.

PIMENTA, José Paoliello. *Biossemiótica como nova fronteira e sua aplicação na comunicação ambiental*. 2016. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/intexto/article/view/65941>. Acesso em 10 out. 2023.

SANTOS, Maria Stella de Azevedo. *O que as folhas cantam (para quem canta folha)*. São Paulo: Editora Autoral, 2018.

SHIVA, Vandana. *Monoculturas da mente: perspectiva da biodiversidade e da biotecnologia*. São Paulo: Gala, 2003.

TAYLOR, Diana. *O arquivo e o repertório. Performance e memória cultural nas Américas*. Trad. Eliana Reis. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

TAYLOR, Diana. *Performance*. Buenos Aires: Asunto Impreso Ediciones, 2012.

WORKMAN, Dion. *Uma introdução ao pensar como uma floresta*. Trad. Jorge Menna Barreto, 2014. Disponível em: <https://cargocollective.com/jorgemennabarreto/Introducao-ao-pensar-como-uma-floresta>. Acesso em 19 out. 2023.

Recebido em: 31 de outubro de 2023

Aceito em: 5 de janeiro de 2024